

Projeto Grupo L.E.Ciber

Letras e Educação no Cibercultura:

fase I – Aurora

(2017-2021)

1. INTRODUÇÃO

É da natureza deste projeto se preocupar com a aliança da pesquisa com o ensino e a extensão na relação entre **Letras e Educação na Cibercultura**. Isso porque se organizará sob a forma de um Grupo de Trabalhos com o fito de realizar Seminários anuais nas seguintes áreas do conhecimento: Letras, Linguística e Artes; Educação; Comunicação; Novas Tecnologias da Informação e Comunicação; Ciência da Informação. Conseqüentemente, os trabalhos respeitarão a metodologia de montagem de seminário. Logo, a estrutura do grupo e a organização de seus trabalhos serão dirigidas segundo seguirão temas de interesse específicos.

O Grupo objetiva estudar e pesquisar detidamente os impactos positivos e negativos do avanço da cibercultura na educação local, regional e nacional, mas deseja, sobretudo, pesquisar técnicas e metodologia, bem como tecnologias, nessas áreas que se traduzam na busca da excelência na formação de professores de língua no ciberespaço. Isso por si só é um grande desafio.

Ciente desse desafio, o Grupo quer, a curto prazo, concretizar a prática e o valor do seminário como evento e como técnica de pesquisas (ver *Metodologia*). Por isso, seus primeiros estudos serão de natureza teórica e conceitual. Almeja, contudo, a longo prazo, estabelecer parcerias e acordos com outras instituições e grupos de pesquisas, a fim de constituir uma rede de pesquisas em sua área de atuação; rede essa que congregue esforços no desenvolvimento de técnicas, metodologias e tecnologias nessas áreas de interesse.

2. JUSTIFICATIVA

Define-se o L.E.Ciber como grupo de trabalhos e pesquisas em Letras e Educação na Cibercultura. Inicialmente pensado dentro da graduação da UNIPAMPA em *Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa – Licenciatura*, ministrada a Distância, o grupo nasce com a preocupação de, a partir da relação dialética entre teoria e prática, servir como lugar de estudos e, por conseqüência, de elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente virtual; estratégias essas que não devem prescindir da aliança entre ensino, pesquisa e extensão. Como executar essas três estratégias, que são tarefas inerentes à atividade do Professor do Magistério Superior (ver Art. 137

da Resolução CONSUNI nº 5, de 17 de Junho de 2010), na aurora da Cibercultura?

Para entender o alcance dessa questão, tomemos a definição de “cibercultura”, dada pelo filósofo tunisiano Pierri Lévy, em **Cibercultura** (1997 [2014]); livro que é fruto de um relatório encomendado pelo Conselho Europeu e em que abordou “as implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informações e de comunicação.” (*Ibid.*, p.17; ênfase minha). Ele define ‘cibercultura’ como um neologismo, isto é, uma palavra nova que é reconhecida como atualizada pelos falantes, criada para especificar, diz ele, “[...] o conjunto de **técnicas** (materiais e intelectuais), de **práticas**, de **atitudes**, de **modos de pensamento** e de **valores** que se desenvolvem juntamente com o crescimento do **ciberespaço**.” (*Ibid.*; ênfases minhas.)

O ‘ciberespaço’, deve-se acrescentar, é também denominado por Lévy como “**rede**”:

[...] é o **novo meio de comunicação** que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (*Ibid.*; ênfase minha.)

Para apreender a novidade enunciada por Lévy na própria materialidade significativa – afinal duas palavras são criadas e postas em circulação a propósito –, devemos visualizar o complexo universo em que tais significantes fazem sentido.

Em *Dilúvios*, texto de *Introdução* de **Cibercultura**, o filósofo atenta a dois fatos (cf. *ibid.*, p.11). O primeiro é que o crescimento do ‘ciberespaço’, possibilitado pela expansão da rede de computadores interconectados em escala planetária, resulta, assevera o filósofo, de um “movimento internacional” comandado pela juventude desejosa em experimentar “formas de comunicação diferentes” daquelas proporcionadas pelas mídias clássicas – isto é, os “meios”, os “canais”, os “suportes” ou “veículos da mensagem” a ser comunicada (cf. LÉVY, 1997 [2014], p.64; TORI, 2010, p.37) –. Disso deriva o segundo fato, a saber: que vivenciamos “a abertura de um **novo espaço de comunicação**”.

Lévy diz mais! Diz que, ao invés de reagirmos a isso tudo – digamos – de forma “conservadora”, devemos saber explorar as potencialidades que emergem nesse espaço tanto nos planos econômico, político e cultural. Ora, perguntemo-nos, por que é que não devemos ser “conservadores”? Que diferenças são essas a serem experimentadas? Que “novo espaço de comunicação” se abre na aurora deste novo milênio?

A resposta da primeira questão diz respeito ao alcance do ciberespaço na vida humana. Navegar nele não só cativou a juventude, como

também já se faz sentir que a economia e o comércio já se estruturam nele. Ele está cada vez mais imiscuído na vida cotidiana, a ponto de hoje, para todo aquele que está conectado ou está on-line, o problema ser o de se “desconectar”, e não o de se conectar, como destaca o brasileiro Romero Tori, em ***Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*** (2010). Essa dificuldade em se desconectar resulta exatamente da forte exploração das redes sociais entre as na comunicação entre pessoas, reduzindo, por consequência, as distâncias entre elas.

Lévy, por seu lado, destaca a necessidade de reconhecermos “as mudanças qualitativas na economia dos signos” proporcionada pela cibercultura e “o ambiente inédito que resulta [de toda essa] extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural” (LÉVY, 1997 [2014], p.12). Mais que isso, defende a necessidade de tomarmos a cibercultura como objeto de reflexão crítica (*ibid.*, p.13), de forma a visualizar, encarar e enfrentar os problemas inéditos que são então levantados e colocados à cultura e aos povos de uma maneira geral.

Um desses problemas já está enunciado. É o das novas formas de comunicação, o do avanço da comunicação digital, o do surgimento de novas formas de transmissão de dados e informações, o do manejo do fluxo vertiginoso de informações. O terreno da Educação não está isento disso, pois, se é com a juventude que a cibercultura se concretiza e o ciberespaço se atualiza, as escolas necessariamente terão levá-la em consideração e terão que rever as metodologias tradicionais de ensino, centradas quer na figura do professor como o sábio quer na Escola como detentora do saber pronto e acabado. Exigências de interatividade são cada vez mais colocadas em jogo e os alunos vão à sala de aula cada vez mais “conectados”.

Com tudo isso, o papel do professor frente o saber é deslocado, pois os alunos hoje em dia estão “conectados” e navegam na rede atrás de informações. Como então ensinar um saber que circula a despeito de mim? É por isso que, estudiosos como Tori (2010, p.26) defendem que, imersos nesta nova realidade, devemos explorar mais o ‘aprendizado’ do que o ‘ensino’, porque o primeiro conceito foca o aluno no processo, enquanto o segundo foca o professor e a escola. Note-se que os próprios lugares e papéis das instituições de saber começam a ser interrogados, exigindo novas políticas e novas posturas profissionais.

Isso nos permite responder a terceira questão que nos coloca o texto de Lévy, qual seja: que “novo espaço de comunicação” é esse que se abre na aurora deste novo milênio? O filósofo responde ser o de um dilúvio de informações. Tudo se passa como se estivéssemos todos sendo inundados por uma torrente inesgotável de dados e mensagens virtuais, de tal modo que nosso habitat torne-se virtual. Ou seja, cada vez mais assistimos à diluição das

fronteiras entre o real e o virtual. O dilúvio é a metáfora da revolução radical em curso no campo da comunicação.

Nas sociedades orais, lembra-nos o filósofo, a voz humana constituía o único contexto, o único meio ou canal de transmissão de mensagem. Era um contexto vivo porque exigia a copresença de duas pessoas. Com o surgimento da escrita, uma tecnologia importante na história da humanidade, a mensagem pôde ser cifrada em contextos frios, mortos porque prescindem copresença de interactantes na interlocução real e viva. Ela, a mensagem, pode ser lida em diferentes distâncias e tempos, criando universais discursivos totalizantes e ritualizados (cf. FOUCAULT, 1970), via mecanismos de fixação e controle do sentido. Sua interpretação passou, assim, ao domínio dos iniciados.

Com o surgimento do ciberespaço, a escrita e a leitura começam a perder esse caráter estático, unívoco e fixo, passando a ser coletiva, compartilhada, permanentemente interrogada e reescrita. São links com hiperlinks; textos com hipertextos, quebrando com o que Lévy chama de “autossuficiência dos textos”, com significados fixos e independentes. Sem contar que a barreira da distância passa a ser novamente quebrada. É como se a mensagem não pudesse mais ser cifrada em um único texto, tempo e espaço, mas que se estruturasse em fluidas contextualizações. A meu ver, é o que defende Lévy:

A hipótese que levanto é que a cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente. (LÉVY, 1997 [2014], p.15).

Em fase disso, torna-se aceitável a tese de que novos espaços de comunicação inundam nosso cotidiano. No que toca a nós, dedicados às Letras e às Letras na formação de professores, não há como não levantar a questão (i) sobre a virtualização das práticas de ensino-aprendizagem nas nossas práticas; (ii) sobre a elaboração de novas práticas que criem um ambiente virtual e coletivo de se ensinar-aprender a ensinar-aprender; (iii) sobre os modos, técnicas e atividades a serem desenvolvidas de transmissão nesse processo complexo, tendo em vista a diversidade permanente de novos meios ou canais de comunicação e expressão.

A esses problemas inaugurais, o Professor da UNIPAMPA certamente somará outro: o da necessidade de se impactar positivamente a região em que a instituição está instalada (cf. PDI UNIPAMPA 2014-2018). Trata-se de uma região com baixos índices de desenvolvimento socioeconômicos. Impera,

portanto, a necessidade de criação de técnicas, tecnologias e metodologias que atinjam e cativem o público-alvo.

3. OBJETIVOS

A meta maior do L.E.Ciber é a de construir uma rede de pesquisas em novas tecnologias, técnicas e metodologias de comunicação em rede aplicadas à educação. Para a persecução desse objetivo, estabeleceu-se, nesta primeira fase I, os seguintes objetivos específicos:

- (i) estudar, do ponto de vista teórico, a cibercultura, de modo a firmar conceitos operacionais em jogo;
- (ii) estudar as metodologias e técnicas então existentes nos campos do ensino a Distância;
- (iii) pesquisar os modos de desenvolvimento de objetivos virtuais de aprendizagem e de recursos educacionais abertos (REA);
- (iv) pesquisar as tecnologias interativas na redução de distâncias aplicadas no campo da educação a distância;
- (v) pesquisar e refletir sobre novas técnicas e tecnologias de transmissão de informação;
- (vi) estudar a teoria da comunicação;
- (vii) estudar as formas de escrita e outras artes no processo de composição da comunicação virtual e na construção de mensagens digitais aplicadas à educação;
- (viii) analisar as estratégias de constituição e as novas formações e circulação de discursos no ciberespaço;
- (ix) desenvolver e promover saberes sobre a educação on-line no âmbito da UNIPAMPA;
- (x) promover e estabelecer parcerias, convênio, eventos, cursos a fim de fomentar a formação de outros grupos com os mesmos objetivos ou colaboradores – formando uma rede – no âmbito da UNIPAMPA ou mesmo com outras instituições universitárias brasileiras e estrangeiras;
- (xi) exercer a escrita e a escrita coletiva a fins de publicação.

4. EIXOS DE INTERESSE:

O L.E.Ciber trabalhará com os seguintes eixos temáticos de interesse:

- (i) teoria da comunicação;
- (ii) tecnologias interativas de comunicação aplicadas a Letras e à Educação;
- (iii) desenvolvimento de objetivos virtuais de aprendizagem e de REAs;
- (iv) escrita, hipertexto e transmissão na cibercultura;
- (v) análise de discursos virtuais;

- (vi) técnicas de ensino-aprendizagem no ciberespaço;
- (vii) línguas e literaturas portuguesas na cibercultura;
- (viii) Letras, Educação e Informática;
- (ix) formação on-line de professores de língua portuguesa;
- (x) formação on-line de professores de línguas fronteiriças e em contato;
- (xi) letramento digital;
- (xii) projeto/design Instrucional;
- (xiii) tecnologias assistidas;
- (xiv) software de autoria.

5. METODOLOGIA

A metodologia que sustenta a estrutura dos trabalhos do L.E.Ciber é a do seminário. Antes, então, de tratar da estrutura do grupo é importante pautar o seminário como metodologia.

Esse tema é essencialmente tratado, na literatura especializada, na disciplina *Metodologia do Trabalho Científico*. Dentre seus autores mais representativos, estão Mariana de Andrada Marconi e Eva Maria Lakatos, com ***Fundamentos da metodologia científica*** (2010). Nesse livro, o Seminário é definido como “uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate”, cuja função primordial é “pesquisar e ensinar a pesquisa” (*op. cit.*, p.17). Há, contudo, autores que o enquadram como um tipo de evento científico, a exemplo de Hortência de Abreu Gonçalves, em ***Manual de resumos e Comunicações Científicas*** (2005). Pois, ficamos com esta questão, trata-se de uma técnica ou de um evento?

Essa questão é facilmente resolvida se se atentar a sua definição. Afinal, o que é um ‘seminário’? O termo deriva do latim ‘*seminarium*’, “viveiro de plantas”, e sua raiz é ‘*semin-*’, “semente”, “princípio vital”. É um termo que também é utilizado para designar o lugar ou o estabelecimento católico em que se formam padres. Note-se, com isso, uma primeira noção de seminário como lugar em que se semeiam ideias. Ora, não é essa a função vital da universidade? Note-se, com isso, que se a universidade tem como força estruturante e constitutiva a pesquisa, o ensino e a extensão, uma de suas funções vitais é promover o estudo aprofundado de diversos temas e sua publicação ou circulação. O Seminário congrega essa duas funções: a de estudo e a de comunicação científica.

Deve-se ressaltar que, enquanto atividade de ensino e de pesquisa; ou melhor, enquanto técnica de estudos – acepção essa que é a mais aceita, segundo Maria Margarida de Andrade, em ***Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*** (2010) – que conjuga ensino e pesquisa, o Seminário exige um grau mais elevado dos envolvidos em sua construção de leitura e de produção de textos acadêmicos. Afinal, a pesquisa bibliográfica, documental,

entre outros tipos; a leitura sistemática – isto é, atenciosa, anotada (fichada), resumida e/ou resenhada – e a produção de textos coerentes e coesos é pré-requisito ao sucesso dessa atividade. No que tange à leitura e à documentação, deve-se assinalar que devem ser conduzidas aos fins propostos da pesquisa em questão. É isso que dará consistência aos textos que sustentarão o Seminário, bem como propriedade à fala do(s) expositor(es). Deve-se ressaltar ainda que o debate e os comentários suscitados até e na culminância do seminário são imensamente frutíferos e possibilitam uma maior fixação e familiarização com o tema estudado.

Com isso, pode-se perceber que o Seminário efetivamente se caracteriza mais como técnica de estudo; uma técnica dinâmica que incorpora a sistemática e organização do evento científico, no caso, precisamente o seminário, que, como destacam todos os autores, possui uma estrutura formal bem delimitada; a saber: a) no pré-evento: (i) montagem dos grupos, (ii) distribuição dos temas, (iii) pesquisa e levantamento de dados, (iv) montagem do seminário propriamente dito; b) no evento: (i) abertura pelo coordenador, (ii) exposição dos trabalhos, (iii) comentário, (iv) debate, (v) fechamento e (vi) entrega de trabalho ou relatório final. Isso não só possibilita aos docentes e aos discentes um aprimoramento no que tange às técnicas de pesquisas e na organização dos estudos, mas também há a contribuição fundamental de se observar a evolução em ato do tratamento de temas pertinentes de interesse.

Se a metodologia *seminário* é assim, propomos que o L.E.Ciber se organize deste modo:

(a) *Grupo de Trabalho* – Trata-se de um grupo fechado, composto por professores fundadores e seus estudantes-orientandos, com reuniões semanais para estudo do programa de leitura pré-estabelecido. A admissão de novos membros nesse grupo será realizada sobre a forma de carta de motivação endereçada ao grupo.

(b) *Reuniões* – Trata-se de um evento aberto dirigido pelo Grupo de Trabalho. Sua periodicidade é mensal. Nelas serão discutidos pontos específicos de programa de estudos e pesquisas previamente estabelecido. A condução da reunião será de responsabilidade de um ou mais membros. Essa condução deverá ser realizada com a apresentação de textos. Essa é também a reunião preparatória do Seminário anual do L.E.Ciber. Um de seus momentos será dedicado sua organização.

(c) *Seminário L.E.Ciber* – É o evento propriamente dito, organizado a fim de provocar a discussão, o debater e o enfrentamento de um tema geral estabelecido. Os membros, convidados e interessados poderão apresentar trabalhos e painéis em assuntos de interesse, respeitando os eixos temáticos a serem trabalhados e previamente divulgados e estabelecidos. A periodicidade será anual. Ao Grupo, tem o objetivo maior de servir como lugar privilegiado para

que o GT norteie, exponha e avalie as pesquisas em curso e os textos estabelecidos a propósito.

(d) *Reunião Anual de Avaliação* – Reunião fechada pós-Colóquio para avaliação do evento e do ano de trabalho. Deve-se nela estabelecer a forma de divulgação e publicação dos trabalhos apresentados e as formas de avaliação dos trabalhos a serem apresentados. Sua periodicidade é anual e serve de fechamento do ano de trabalhos.

7. PARTICIPANTES:

Prof^a. Dr^a. Camila Gonçalves dos Santos do Canto – Vice-coordenadora
<http://lattes.cnpq.br/7637826244661176>

Prof^a. Dr^a. Cláudia Camerini Corrêa Pérez
<http://lattes.cnpq.br/6081469722279977>

Prof. Dr. Walker Douglas Pincerati - Coordenador
<http://lattes.cnpq.br/3888517099645193>

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Montano Boessio
<http://lattes.cnpq.br/6455150639459712>

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Maria Margarida de (2010). **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10^a. ed.. São Paulo: Atlas, pp.97-106.

FOUCAULT, Michel (1970). **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 9^a ed.. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

GONÇALVES, Hortência de Abreu (2005). **Manual de resumos e comunicações científicas**. São Paulo: Avercamp, pp.92-100.

HENRIQUES, Claudio Cezar & SIMÕES, Darcila (2014). **A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática**. 6^a. ed.. Rio de Janeiro: Uerj.

LÉVY, Pierrri (1997). **Cibercultura**. 3^a ed., 2^a reimp.. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria (2010). **Fundamentos da metodologia científica**. 7^a. ed.. São Paulo: Atlas, pp.17-29.

MOTTA-ROTH, Désirée & HENDGES, Graciela Rabuske (2010). **Produção textual na universidade**. 1^a. ed., 4^a. reimp. (2015). São Paulo: Parábola.

TORI, Romero (2010). **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

UNIPAMPA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Conselho Universitário. **Resolução nº 5, de 17 de junho de 2010**. Regimento Geral da Universidade. Bagé: UNIPAMPA, 2010, 41p.

UNIPAMPA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Conselho Universitário. **Resolução nº 71, de 27 de fevereiro de 2014**. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI (2014 – 2018). Bagé: UNIPAMPA, 2014, 111p.